

REDAÇÃO MODELO – CULTO AO CORPO: OS LÍMITES ENTRE O SAUDÁVEL E O PATOLÓGICO



“O mínimo para viver”, produção cinematográfica norte-americana, narra o cotidiano de um grupo de adolescentes que convivem com transtornos alimentares. De maneira análoga à ficção, milhares de brasileiros têm relacionamentos ruins com seus próprios corpos devido a tendência social de valorização de físicos magros e sarados, característica essas não atingíveis a todos. A partir dessa perspectiva, cabe a análise dos limites da valorização corpórea, quer pelo desenvolvimento de transtornos psicológicos e patológicos, quer pela exclusão de pessoas “fora do padrão” socialmente estabelecido.

Convém analisar, inicialmente, o adoecimento populacional como limitação do culto ao corpo. À luz do sociólogo Émile Durkheim, o fato social, estabeleceu-se como normas socioculturais dotados de exterioridade, generalidade e coercitividade. Sob este prisma, observa-se que o enaltecimento do físico, por meio de predileção do padrão estético magro, encaixa-se neste contexto, uma vez que o cidadão brasileiro sente-se coagido a encaixar-se no padrão – seja por cobrança de pessoas próximas, seja devido a reafirmação do molde em propagandas, na moda, e em representações ficcionais. Consequentemente, a preferência pela magreza desencadeia uma busca não satisfatória em incluir-se na regra, adoecendo, assim, a mente e o corpo da pessoa. Essa lógica pode ser observada por dos comuns problemas com a autoestima, bem como doenças como bulimia e anorexia. Logo, é preciso mudar esse panorama.

Outrossim, há ainda a discriminação das pessoas que não seguem o padrão como limítrofe da problemática. Segundo análises antropológicas, percebe-se a sociedade brasileira abraça padrões, como a heteronormatividade, e concomitantemente, exclui aqueles que não obedecem aos mesmos. Esse “modus operandi” pode ser associado ao assunto em discussão, dado que pessoas magras são elogiadas e indivíduos fora do peso são ridicularizados. Um exemplo desse cenário é o “body-shaming” – ato de criticar corpos alheios, frequentemente gordos, com comentários ofensivos, comuns de ocorrerem nas redes sociais. Faz-se necessário, pois, a reversão desta realidade.

Os limites do culto ao corpo, portanto, se encontram na medida que adoecem e excluem pessoas. A fim de amenizar a problemática, Governo Federal deve investir na reeducação populacional quanto a inclusão de diferentes estéticas corporais, recorrendo à campanhas publicitárias e parcerias com canais de TV aberta para que haja representação fictícia em prol deste objetivo. Ademais, o MEC deve incluir à disciplina de Sociologia o processo de construção de uma mentalidade nos estudantes que respeitem as diferenças, por intermédio de debates. Tais ações visam a resolução da problemática. Desse modo, situações retratadas em “O mínimo para viver” se repetirão.